

# Senado voltará de roupa nova

- 8 DEZ 1985

FABIO MENDES  
Da Editoria de Política

Ao reabrir suas portas em março, o Senado vai mostrar ao público uma nova face, com a volta dos senadores despejados do Ministério Sarney pela reforma ministerial e o desembarque do suplente Jamil Hadad que se efetiva com a saída do novo prefeito Roberto Saturnino, mas, apesar da intranquilidade dos suplentes que saem — e dos que podem sair —, essa troca de lugares tornou-se uma rotina na Casa nos últimos cinco anos.

Afinal, entre os 69 senadores da República, 17 assumiram como suplentes e muitas vezes, com surpresa, em verdadeiros lances de sorte. Alguns chegaram a ganhar um mandato de oito anos de quase inteiro. Os outros, como são temporários, colocam sempre suas barbas de molho, pois de uma hora para a outra os titulares podem voltar e catapultar os suplentes.

Neste último caso, já colocando as barbas, estão os senadores Nivaldo Machado (PFL-PE), Alcides Saldanha (PMDB-RS) e Roberto Wypych (PMDB-PR), suplentes respectivamente dos ministros Marco Maciel, Pedro Simon e Afonso Camargo.

A princípio, esperava-se que os ministros de Estado só f o s s e m desincompatibilizar-se das funções executivas em maio de 1986; depois, antecipou-se o regresso dos ministros ao Senado para 15 de fevereiro; e agora, para a tristeza dos amigos dos três suplentes, espalhasse por aí que o presidente Sarney vai querer a reforma ministerial a 15 de janeiro próximo...

O senador Alcides Paio (PFL-RO) também sofre preocupações: seu titular, Claudionor Roriz, tem pretensões de candidatar-se ao Governo de Rondônia, onde ocupa atualmente as funções de secretário da Saúde. Qualquer dia desses, pode reaparecer em Brasília para reassumir o Senado, devolvendo Paio à longínqua Rondônia.

Desses quatro senadores temporários, Nivaldo Machado foi o que mais ocupou espaço. Discursos diários no plenário e atuação intensa nas Comissões Técnicas. Personalidade afável e serena, só perdeu a calma quando, na votação da emenda convocatória da Constituinte, desejou-se que os senadores — para se evitar equívocos na contagem dos votos — caminhassem até o microfone do Congresso para nomearem seus votos, alto e bom som, sob fiscalização pública.

Nivaldo Machado saltou da cadeira e, com gestos irritados, comandou a reação senatorial: nenhum deles obedeceu ao pedido do presidente da sessão e todos votaram dos seus lugares, sentados, apenas levantando a mão.

Alcides Saldanha também ocupou o seu espaço, embora com muita discrição e prudência, deixando bem definida a sua posição ideológica socialista.

Wypych, em alguns pronunciamentos, demonstrou que faz política para representar os anseios dos agricultores, enquanto Alcides Paio talvez não tenha tido tempo nem oportunidade

para fazer valer seus méritos de antigo radialista.

## ESTRELA

A esta altura da legislação, poucos se lembram que o atual presidente do Senado, José Fragelli (PMDB-MS), assumiu o Senado substituindo o seu tradicional adversário, Pedro Pedrossian, quando este foi eleito governador de Mato Grosso do Sul, em 1980. Enéas Faria (PMDB-PR), 1º secretário do Senado, também assumiu porque José Richa foi eleito governador do Paraná, em 1982.

Com Enéas Faria, porém, ocorreu uma peculiaridade que enriquece seu currículo político: ele fora eleito deputado federal, mas optou por substituir (definitivamente) o senador Richa. Chegou ao Congresso, pois, com votação pessoal expressiva.

Américo de Souza (PFL-MA), quando se tornou o suplente do então senador José Sarney em 1978, jamais imaginou que sua estrela fosse brilhar tanto este ano, quando titular eleger vice-presidente de Tancredo Neves. Alfredo Campos (PMDB-MG), ao contrário, podia ter pressentido que seu titular Tancredo Neves tinha amplas possibilidades de largar o Senado pelo Governo de Minas, em 1983.

O mesmo pressentimento deve ter percorrido o então suplente Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP), pois, o seu senador titular, Franco Montoro, nunca deixou de pensar em alcançar o Governo de São Paulo.

Alberto Silva (PMDB-PI) sofria no seu Estado uma situação irreversível de derrotado. Além de derrotado eleitoralmente, inimigo pessoal do senador Petrólio Portella. Politicamente, ia sendo esmagado devagarinho, peça por peça, até que, em plena tribuna do Senado, Dirceu Arcoverde sofreu um derrame cerebral e foi levado às pressas para o Hospital Presidente Médici, onde morreu.

Com a consciência em paz, assumiu o senador Alberto Silva. Um ano depois, morre também Petrólio Portella, em 1980.

O senador Carlos Lyra (PFL-AL), para assumir definitivamente seu mandato, teve surpresas que ultrapassaram todas as expectativas. Primeiro, morreu o senador Arnon de Mello, assumindo seu suplente João Lúcio. Depois, João Lúcio, provavelmente desencantado da metrópole e saudosos da sua Arapiraca, licenciou-se por uns meses para dar uma oportunidade ao segundo suplente, Carlos Lyra: Enfim, João Lúcio discretamente renunciou ao seu mandato (e logo depois faleceu), transferindo definitivamente para Lyra a sua cadeira de senador.

Ninguém esperava que, nos últimos dois anos, morressem tão cedo os senadores Nilo Coelho, Jessé Freire e João Bosco, substituídos, respectivamente, por Cid Sampaio (PMDB-PE), Martins Filho (PFL-RN) e Eunice Micheles (PFLAM). Já os senadores Tarso Dutra — substituído por Octávio Cardoso (PDS-RS) — e Dinarte Mariz — cujo suplente era o seu genro Moacyr Duarte (PDS-RN).